



PRESENTES E INVISÍVEIS: OS KARDECISTAS EM PARINTINS E A TRAJETÓRIA DO CENTRO ESPÍRITA ANNA PRADO

Present yet invisible: kardecists in Parintins and the path of the Anna Prado Spiritist Center

Ian Carlos Reis Souza¹

Diego Omar da Silveira²

Resumo:

Parintins, cidade situada no médio-baixo Amazonas, como muitas outras cidades amazônicas, guarda ainda uma identidade fortemente católica. Conforme os dados do Censo Demográfico de 2010 existem aqui apenas 54 indivíduos que se autodeclararam espíritas kardecistas (0,05% da população total). Há, porém, fortes indícios de que essa doutrina já teve um número significativo de adeptos no local. Essa pesquisa buscou cobrir uma lacuna, entendendo como um grupo que reunia a elite local e que foi responsável inclusive pela existência de um jornal espírita – intitulado *O Semeador* – se dissolveu sem deixar uma memória institucional mais duradoura. Através das poucas fontes que falam da presença dos espíritas na região, buscamos compreender como os kardecistas voltaram a se organizar a partir do ano 2000, inicialmente com um grupo de estudos e orações intitulado novamente “Amor e Caridade” e, após 2008, como uma associação filantrópica devidamente registrada e que conta com uma sede – o Centro Espírita Anna Prado.

Palavras-chave: Religiões; Parintins; Espiritismo; Anna Prado.

Abstract:

Parintins is a town located in the mid-lower region of the Amazon river, and like many others, still holds a strong catholic identity. According to the 2010 Demographic Census, there are only 54 individuals who declare themselves kardecian spiritists in the location (0,05% of the total population). There are, however, strong indices that this doctrine has,

¹ Graduando em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: ianreishst@gmail.com.

² Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde também atuou como professor substituto de Departamento de Educação e Coordenador de projetos do Núcleo de Estudos da Religião. Professor assistente e coordenador do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Participa do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES) e da Rede de Pesquisa História e Catolicismo no mundo contemporâneo. E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.



in the past, had a significant number of adepts. This study sought to understand how a group composed by the local elite – which was even responsible for the existence of a local spiritist newspaper, entitled *O Semeador* –, was dissolved without leaving any sort of institutional long-term remembrance. Through the few sources that talk about the presence of spiritists in the region, we sought to understand how kardecian spiritists began to reorganize themselves from the year 2000 onwards, initially as a study and prayer group, once again called “Amor e Caridade” and, after 2008, as a duly registered philanthropic association with a central office – the Centro Espírita Anna Prado.

Keywords: Religions; Parintins; Spiritism; Anna Prado.

Entre finais do século XIX e inícios do século XX o crescimento vertiginoso do espiritismo no Brasil chamava a atenção das elites eclesiásticas católicas, assim como do discurso médico-cientificista emergente e das classes intelectualizadas, que passaram a debater as ideias de Allan Kardec nos cafés e jornais das principais cidades do país, especialmente nas capitais (cf. DEL PRIORE, 2014). João do Rio, certamente um dos mais acurados observadores da vida social carioca, narra, com certo espanto, em suas crônicas sobre “as religiões do Rio” (s/d) que já não era possível contar àquela altura “o número de espíritos orthodoxos”, tantos eram os “cérebros mais lucidos” atraídos “pela sciencia da revelação. A marinha, o exercito, a advocacia, a medicina, o professorado, o grande mundo, a imprensa, o commercio têm milhares de espíritas” (BARRETO, s/d, p. 214). Alguns praticando apenas seus aspectos orais, outros aderindo ao que nele há de “fenomenal”. E continua: “se na sociedade baixa, centenas de traficantes enganam a credulidade com uma inconsciente mistura de feitiçaria e catholicismo”, haveria entre “a gente educada” um número crescente de “salas onde estudam o phenomeno psychico e a adivinhação do futuro, com correspondencia para Londres e um ar superiormente convencido” (idem).

Iniciado na França, por Allan Kardec, “por meio de um diálogo com espíritos”, a doutrina havia se espalhado pela Europa e chegado ao Brasil nas décadas finais do Império, em um contexto em que tudo aquilo que sugeria o novo e o moderno encantava parcelas significativas da população. Alinhado a essa perspectiva, “o espiritismo kardecista se apresentava com filosofia, ciência e religião” (LANG, 2008, p. 171), prevalecendo em terras brasileiras mais seu lado religioso de moralização da conduta e os correspondentes serviços de *terapia mediúnica*, aplicados por meio de passes (uma espécie leve de exorcismo) para combater todos os tipos de enfermidade (cf. PIERUCCI, 2000, p. 310). Também se enraizaram rapidamente na cultura, pelo seu potencial sincrético, as ideias de evolução e reencarnação, adaptadas pelos espíritas do hinduísmo através da lei do carma (do



sânscrito *Karmam*), “que insere os sujeitos em um longuíssimo processo de evolução, que não se limita ao tempo curto de uma encarnação, mas prossegue por reencarnações sucessivas, indefinidamente” (idem).

Por outro lado, a inspiração cristã tirada dos Evangelhos e que garante a ascensão dos espíritos entre os diversos planos existentes está no exercício do amor e da caridade. Daí que, segundo Reginaldo Prandi (2012), desde o início os grupos ainda recém-formados de espíritas tenham se empenhado na fundação de asilos, hospitais, orfanatos e escolas, dando certa expressão e aceitação social aos seus praticantes. Surgiram mais tarde os médiuns cuja reputação atraiu multidões e, mais recentemente, “autores de livros psicografados e obras de autoajuda” frequentemente arrolados entre os mais vendidos. Isso ampliou sobremaneira o espaço do espiritismo nos meios de comunicação e na indústria cultural, inclusive com a produção de filmes e novelas que lhe garantem espaço no cinema e na televisão (PRANDI, 2012, p. 75).

Em Parintins, que hoje conta com apenas 0,05% de espíritas (54 indivíduos) na população total (cf. os dados do Censo de 2010), há fortes indícios de que essa doutrina já teve um número significativo de adeptos. Ainda que sem nenhum estudo mais detalhado, a existência de um jornal espírita – intitulado *O Semeador* – na cidade, em 1907, pode ser lida como um indicador do prestígio que tinha o grupo de kardecistas em uma cidade do interior, bem como aponta para o avanço dessa religião no Amazonas nas primeiras décadas do século XX. Para Samuel Nunes Magalhães (2004; 2012) coube à família Rebello organizar o movimento espírita no local, através não apenas do periódico, mas do Grupo Espírita Amor e Caridade.

Foi também em Parintins que nasceu e viveu Anna Prado, que se tornaria mais tarde (entre 1918 e 1923) uma das mais importantes médiuns brasileiras, responsável por farta e documentada produção de fenômenos mediúnicos, que iam desde “psicofania sonambúlica” e “mediunidade auditiva” até a materialização de espíritos (MAGALHÃES, 2004, p. 110ss.). Sobre o grupo fundado no início do século XX, acredita-se que tenha gravitado em torno da figura de Eurípedes Prado (“comerciante, jornalista, professor e homem público” – “Superintendente Municipal de Parintins no período de 1911 a 1939”), que embora de formação católica ingressou como boa parte de sua família “nas fileiras espíritas daqueles dias” (MAGALHÃES, 2012, p. 42). Não sabemos exatamente quando e nem porque se dissolveu e foi apenas depois do ano 2004 que os espíritas voltaram a se organizar, inicialmente com um grupo de estudos e orações intitulado novamente “Amor



e Caridade” e, após 2008, como uma associação filantrópica devidamente registrada e que conta com uma sede – o Centro Espírita Anna Prado (na Rua 31 de março).

Este texto, que nasceu de um esforço de pesquisa conduzido por pouco mais de dois anos, com o apoio de uma bolsa de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), tem como objetivo analisar, em termos gerais, a presença histórica de espíritas kardecistas em Parintins e a trajetória do Centro Espírita Ana Prado. Nessa perspectiva, passamos brevemente pelos fundamentos da doutrina e pela história do espiritismo no Brasil para apontar, em seguida, alguns traços biográficos de Anna Prado e para invisibilidade dos kardecistas na memória oficial de Parintins como um traço marcante do apagamento da diversidade produzido durante os processos de fabricação de uma identidade católica para a cidade, sob a égide dos padres italianos do Pontifício Instituto da Missões Exteriores (PIME) que fundaram a prelazia e a diocese de Parintins.

Elementos da doutrina e da história do Espiritismo

O espiritismo kardecista foi codificado por Hippolyte Léon Dénizard Rivail (1804-1869), pedagogo francês nascido em Lyon que entrou em contato com a questão dos espíritos ainda muito jovem, quando na Europa um dos assuntos mais comentados eram as chamadas “mesas giratórias” e nos Estados Unidos ficava famoso o caso das irmãs Fox, em Hydesville. Segundo Alice Gordo Lang, “a codificação foi elaborada em um momento histórico em que o pensamento científico estava dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo, que se desdobrava na esteira da publicação de *A Origem das Espécies por meio da seleção natural*, em 1859, por Charles Darwin (LANG, 2008 p. 174).

As polêmicas que emergiam do estudo das manifestações sobrenaturais ganhavam cada vez mais espaço nos debates públicos e, em âmbitos mais reservados, surgiam na Europa grupos de estudo e sociedades, a maioria com interesse científico, mas também algumas delas ligadas a igrejas ou movimentos religiosos. Um panorama das atividades desses grupos pode ser encontrada em uma *História do Espiritualismo* escrita pelo médico escocês, historiador e escritor, sir Arthur Conan Doyle.

Na França, o maior impacto foi causado pelos livros de Kardec, que em 1857 publica o *Livro dos Espíritos* – um grande sucesso de vendas apesar da oposição deliberada da Igreja Católica que reagiu incluindo as obras no *Índex* de obras proibidas (SOUTO MAIOR, 2015, p. 247) e até mesmo queimando os impressos em “autos de fé”. Foram pu-



blicadas, em seguida, os textos que compõem o chamado “pentateuco espírita”: o *Livro dos Médiuns* (1860), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e a *A gênese, os milagres e as predições* (1868), todas elas respondendo perguntas sobre o mundo espiritual e as capacidades mediúnicas.

Para Lang (2008, p. 174), a doutrina espírita é um misto de ciência, filosofia e religião, mas alguns autores espíritas defendem mais seu lado filosófico, relegando o aspecto religioso como algo mais “vulgar”. Nas palavras do próprio Kardec (2003, p. 200):

o espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações. O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos, e de suas relações com o mundo corporal.

No Brasil, a doutrina começa a chegar a partir de meados do século XIX (DEL PRIORE, 2014 p. 53; ARRIBAS, 2008 p. 39), embora já fosse experimentada e mesmo mencionada em jornais do Rio de Janeiro e Recife alguns anos antes. Nesta primeira fase, merece destaque o nome de Luís Olímpio Telles de Menezes, pioneiro do movimento espírita em Salvador, onde redator e diretor de vários periódicos na época. Foi ele quem publicou um opúsculo que traduzia algumas passagens de Kardec, na qual constava a epígrafe: “fui o primeiro na Bahia que, fervorosamente esposou a doutrina espírita” (*apud* ARRIBAS, 2008 p. 46). Desse mesmo círculo intelectual surgiu, em 1869, o primeiro periódico espírita em terras brasileiras, o *Écho do Além-Túmulo*, impresso na tipografia d’*O Diário da Bahia*.

Como observa Del Priore (2014, p. 163), desde então essa doutrina encontrou nos ambientes letrados uma impressionante acolhida, já que entre “as elites, buscava-se uma espiritualidade reflexiva e interiorizada, que militares, profissionais liberais e intelectuais encontravam no Kardecismo”, em função inclusive de seu apreço por explicações científicas até mesmo para fatos religiosos. Mas a atração pelos fenômenos mediúnicos também vinha se difundindo entre as classes menos abastadas, nas quais, por um conjunto sincrético de crenças, se multiplicavam todos os tipos de videntes, cartomantes, adivinhos, entre outros, em um ambiente no qual “as crenças populares misturavam o culto dos santos católicos aos rituais de origem indígena ou africana” (DEL PRIORE, 2014, p. 49).



Na opinião de Emerson Giumbelli (2008), a nova crença,

trazida da Europa se mostrava [então] capaz de articular, à sua maneira, erudito e popular, elite e povo: o médium era pouco qualificado, mas a entidade que se manifestava pertencia uma profissão prestigiada. Do mesmo modo, as práticas pouco diferiam de outras formas populares de busca por cura, mas sua explicação apelava para termos cultos e teorias sofisticadas. Era uma ‘fé raciocinada’.

Vale acrescentar que a década final do século XIX inaugura um novo momento para o campo religioso no Brasil, de uma perda progressiva da hegemonia católica, algo visível na separação entre Igreja e Estado, e decisiva na multiplicação de novos proselitismos e identidades religiosas (cf. CAMARGO, 1973). De acordo com Arribas (2014, p. 37), nesse contexto, mesmo o espiritismo, “que ainda não tinha se definido como uma religião no Brasil até aquele momento” passará a se organizar em novas bases, formatando-se como “uma doutrina moral que combina uma raiz cristã racionalista, com outra, secular e cientificista” e que baseia-se, ao mesmo tempo em “crenças e serviços” voltados, majoritariamente, nas primeiras décadas do século XX, “para uma clientela de camadas médias urbanas letradas, oferecendo-lhes um sucedâneo laico do catolicismo, afinando-se progressivamente com os desafios de construção nacional do Brasil” (LEWGOY, 2006, p. 182).

De minoria perseguida os Kardecistas foram se tornando, assim, uma alternativa religiosa com relativo prestígio social, dado o perfil escolarizado e economicamente bem estabelecido de seus adeptos, organizados em grupos ou associações, cujas linhas básicas de atuação, segundo Reginaldo Prandi (2012, p. 52) constituem em: “curar, estudar, praticar a caridade e, sobretudo, trazer conforto e consolo espiritual aos que sofrem com a morte de seus entes queridos, os quais se manifestam e se comunicam com suas famílias” por meio dos médiuns em diferentes trabalhos espirituais e/ou terapêuticos. As federações, espaços macros de institucionalização, servem para organizar, orientar e prover os meios para a prática religiosa, além de produzirem “veículos impressos de estudo e propaganda” (idem). A maior delas é a Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884, no Rio de Janeiro. Mas elas também se espraiaram pelos estados, como se pode verificar pelos dados elencados por Magalhães (2012, p. 21ss), que apontam a Federação Espírita Amazonense como tendo surgido em 1904 e a União Espírita Paraense em 1906.



A presença em terras amazônicas

No início do século XX, a cidade de Parintins era ainda pequena. Resumia-se a um diminuto núcleo urbano condensado às margens do Rio Amazonas, com cerca de 6000 habitantes (SOUZA, 2013, p. 67). Era também bastante católica, muito embora sem a presença institucional da Igreja, que se resumisse a algumas capelas herdadas dos processos de colonização e a alguns poucos missionários encarregados do “zelo das almas”. Apenas após os anos 1950, quando da chegada dos padres italianos do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) e com a instalação da Prelazia, é que as estruturas burocráticas do clero se expandem e passam a ter uma atuação sacramental mais cotidiana, para além das sazonais festas de santos e arraiais (ver CERQUA, 2009, p. 52ss).

Para esse período a visibilidade de outros grupos religiosos permaneceu muito pequena, tendo sido praticamente deixada de lado pelos memorialistas locais (SAUNIER, 2003; SOUZA, 2003) e pela história oficial (CERQUA, 2009), ambos cunhados em um ambiente de forte afirmação identitária católica. Dos judeus, cuja presença parece ter sido marcante nas primeiras décadas do novecentos, restam sinais visíveis como as residências e um cemitério apartado do católico, mas quase nada há documentado ou escrito sob as suas interações com a cultura religiosa local.³ Sobre os evangélicos, apenas recentemente têm surgido pesquisas que permitem senão reconstituir pelo menos apontar sua presença já a partir dos anos 1930, com significativa ampliação a partir da ação dos Batistas nas décadas seguintes.

No caso dos kardecistas, o pouco que sabemos foi produzido também por um esforço de memória empreendido pelo movimento espírita, que tem buscado, em diferentes níveis, recuperar aspectos apagados de sua trajetória na Amazônia. Nesse sentido, partimos dos trabalhos de Samuel Nunes Magalhães (2004; 2012), para recompor, naquilo que é possível, a presença de um grupo aparentemente dinâmico de discípulos de Kardec em Parintins entre finais do oitocentos e a primeira década do século XX. Ao que tudo indica, o grupo se havia estruturado como fruto de uma expansão do proselitismo kardecista iniciado um pouco antes na capital do estado e que já conhecia relativo sucesso entre profissionais liberais e servidores públicos, gente “cult e esclarecida”. Os pioneiros na Ilha

³ Louváveis exceções são o capítulo que Samuel Benchimol dedicou aos judeus em *Amazônia – Formação Social e Cultural* (3º ed. Manaus: Valer, 2009) e sua abordagem mais sistemática da questão em *Eretz Amazônia – os Judeus na Amazônia* (Manaus: Valer, 1998).



Tupinambarana teriam sido, segundo Magalhães (2012) da família Rebello. Em especial, “Emiliano Olympio de Carvalho Rebello, membro ativo da *Sociedade de Propaganda Espírita*” e um dos fundadores da Federação Espírita Amazonense e Jovita Olympio de Carvalho Rebello, fundador do Centro Espírita São Vicente de Paula (MAGALHÃES, 2012, p. 35-36, grifo no original). Outros membros da família teriam emprestado suas energias ao nascente movimento espírita amazonense, de modo que Anna Prado teria vivido desde a infância “cercada pelas meridianas luzes do Espiritismo”. Em 1901, esta jovem se casou com o “cearense Eurípedes de Albuquerque Prado”, político e intelectual que teria atuado decisivamente na fundação, em Parintins, do jornal *O Semeador* e do *Grupo Espírita Amor e Caridade* – ambos em 1907, alguns anos antes, portanto, de ele ser empossado Superintendente Municipal (correlativo ao atual cargo de Prefeito) entre 1911 e 1913.



Fotos de família de Anna Prado, retiradas da obra de Samuel Magalhães, 2012.

Para além de alguns poucos exemplares do periódico, não restam muitas informações sobre a atuação do grupo, seu enraizamento na cultura local ou mesmo sobre embates com autoridades religiosas católicas. Pelo vulto social dos participantes é pouco plausível que tenham sido rechaçados ou que tenham passado despercebido. Mas não há, por outro lado, testemunhos ou opiniões sobre sua organização caritativa ou religiosa. As polêmicas surgiram apenas alguns anos mais tarde, quando já residiam em Belém (no Pará) e Anna Prado passou a manifestar faculdades mediúnicas que chamaram a atenção tanto dos homens de ciência (em geral, positivistas) quanto da hierarquia eclesiástica da capital paraense. De acordo com Sheila Evangelista (2012), a atuação da médium passou desde então a ser fartamente documentada por meio de relatos e fotografias que resultaram nos livros



publicados por Raymundo Nogueira de Faria: “*O trabalho dos mortos*, cuja primeira edição data de 1922 e *A renascença da alma*, datando a primeira edição de 1924. O fotógrafo dos espíritos e da família Prado foi o maestro Ettore Bosio, que não poupou empenho em retratar a família” e recuperar fotos de seus membros ainda jovens para ilustrar as publicações (conforme os dois exemplos constam acima).

Na biografia escrita por Magalhães, Anna Prado é equiparada por sua “excepcional mediunidade” a Chico Xavier, a quem a mesma teria enviado uma mensagem psicografada, em 1955, intitulada *Observação Oportuna*, na qual ressaltava a “elevada importância da evangelização das criaturas como meio de se promover a renovação dos sentimentos e evitar muitas de suas quedas e enganos” (2012, p. 273). O livro foi publicado pela editora da FEB e parece buscar, na perspectiva descrita por Sandra Jacqueline Stoll (2004, p. 190) a construção de uma memória quase hagiográfica da amazonense, que se desdobra na “construção de uma *vida santificada*”. Uma trajetória que “de início, envolve hesitações, incertezas, dificuldades. [Mas que] como ideal de comportamento, implica o endosso de um “modelo de virtudes”, que deve se expressar por meio de *provas públicas*” fartamente produzidas e registradas em jornais, revistas e livros para o caso de Anna Prado.

A força desses tipos de relatos ajuda a superar a inconsistência dos dados censitários para o caso dos Kardecistas (cf. STOLL, 2004; LEWGOY, 2013) e se não sana a ausência de uma memória da diversidade religiosa em muitos locais, pelo menos recoloca em cena protagonistas tornados anônimos. Esse parece ser exatamente o caso de Parintins, onde Anna Prado continua sendo uma cidadã apagada da história local, desconhecida da maioria das pessoas, não obstante o Centro Espírita local tenha recebido seu nome e esteja localizado em uma rua no centro da cidade (Rua 31 de março – imagem abaixo).



Fonte: SILVA; SILVEIRA, 2015.



Trata-se, porém de uma retomada muito recente, cujo passado (mesmo aquele não tão distante) ainda precisa ser melhor estudado, explorando as poucas fontes disponíveis. Só dispomos, nesse sentido, dados numéricos sobre os Kardecistas em Parintins a partir dos anos 1990 (como se pode ver na tabela abaixo), sem que tenhamos notícias de uma organização local dos espíritas na segunda metade do século XX.

Tabela 1 – Espíritas Kardecistas nas últimas décadas (quadro comparativo)

Região Ano	Brasil	Região Norte	Amazonas	Parintins
1991	1,12% 1.644.355	0,29% 29.422	0,17% 3.634	0,02% 12
2000	1,33% 2.262.401	49.332	0,33% 9.336	0,00% 00
2010	2,02% 3.848.876	0,49% 77.624	0,42% 14.800	0,05% 54

Elaborada com base em dados dos Censos Demográficos disponíveis no SIDRA

A retomada dos trabalhos se deu somente a partir dos anos 2000, quando alguns autodeclarados espíritas voltaram a se reunir, inicialmente com um grupo estudos e orações intitulado novamente “Amor e Caridade” e, após 2008, como uma associação filantrópica devidamente registrada e que conta com uma sede – o Centro Espírita Anna Prado. Nela ocorrem atualmente trabalhos que estão na base da doutrina e da prática do Kardecismo: a leitura e reflexão dos fundamentos da doutrina, os trabalhos mediúnicos e terapêuticos e o exercício da ajuda aos que mais precisam, com distribuição de sopa e outras ações caritativas.

Considerações finais

Para diversos estudiosos do Kardecismo, ser espírita no Brasil dos dias atuais é bastante mais tranquilo do que outros tempos. Basta lembrar que na época do Segundo Império os espíritas foram alvo costumeiro de ataques da imprensa, reclamações de médicos e oposição da Igreja. Com a República, ficou pior: o primeiro Código Penal republicano, que vigorou de 1890 a 1940, em seu artigo 157, criminalizava explicitamente o espiritismo, com pena de prisão de um a seis meses e multa (PRANDI, 2012, p. 107). Atualmente, a Constituição e demais leis asseguram liberdade religiosa e a laicidade do Estado, ainda assim alguns estigmas do passado permanecem e a resistência a declara-se espírita nos



levantamentos censitários parece ser uma constante ao longo da segunda metade do século XX.

Como destaca Bernardo Lewgoy (2006), entre 1980 e 2000, os espíritas cresceram 50% e chegaram ao início do século XXI como a “terceira força religiosa brasileira”. Nos últimos dez anos o que os dados estatísticos revelaram foi um novo crescimento, fazendo os kardecistas saltarem de 1% para 2% da população – aproximadamente 4 milhões de fiéis (PRANDI, 2012, p. 110). Ao que tudo indica esse movimento correspondeu ao trabalho de proselitismo de renomados médiuns aliado à organização de forças dispostas a influir na esfera pública, com a divulgação de livros e filmes que retratam em cores mais positivas do que nunca a doutrina de Kardec (LEWGOY, 2013, p. 198).

Ainda assim, acredita-se que muitos frequentadores de do espiritismo não se identifiquem como tal nos levantamentos, permanecendo atrelados a situações de dupla ou tripla pertença e a filiações religiosas pretensamente mais prestigiadas, como o catolicismo, por exemplo. Muito embora o perfil dos espíritas os localize entre os indivíduos de maior escolaridade e mais bem remunerados (PEREIRA, 2014), paira ainda sobre esses grupos certo silêncio que impede de notar sua contribuição na composição de uma sociedade cada vez mais plural em termos de religião. Em Parintins, a situação se desvela aos nossos olhos é possivelmente essa e apenas estudos um pouco mais detalhados podem apontar de maneira mais concreta o papel desempenhado historicamente pelos kardecistas na composição do campo religioso local.

Acreditamos que, articulados e problematizados, tanto os números quanto as fontes escritas e visuais podem apontar para um grupo pouco visualizado na cidade, mas que vêm mantendo há mais de cem anos uma identidade religiosa alternativa àquela representada pelo catolicismo e pelos diferentes grupos protestantes e evangélicos.

Referências Bibliográficas:

BARRETO, Paulo (João do Rio). **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro/ Paris: H. Garnier Livreiro-Editor, s/d.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de Fé no Médio Amazonas**. 2º ed. Manaus: Pro-Graf, 2009.



CUPERTINO, Fausto. **As muitas religiões dos brasileiros**. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**. A história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

EVANGELISTA, Sheila Izoete Mendes. **O arraial do espiritismo: a médium Anna Prado, positivistas, espíritas e católicos em Belém (1918-1923)**. Dissertação (mestrado em História). Belém: UFPA, 2012.

GIUMBELLI, Emerson. “Heresia, doença, crime ou religião: Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais”. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v. 40, n. 02, 1997. pp. 31-82.

_____. “Nação espírita. Embora tenha nascido na França, a religião de Kardec encontrou no Brasil sua verdadeira pátria”. In: **Revista de História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, n. 33, junho de 2008.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “Espiritismo no Brasil”. In: **Cadernos CERU**. São Paulo: CERU-USP, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008. pp. 171-185.

LEWGOY, Bernardo. “Incluídos e letrados – reflexões sobre a vitalidade do espiritismo no Brasil atual”. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (org.). **As religiões do Brasil**. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 173-188.

_____. “A contagem do rebanho e a magia dos números – Notas sobre o espiritismo no Censo de 2010”. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (org.). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2013. pp. 191-202.

MAGALHÃES, Samuel Nunes. “A excepcional mediunidade de Anna Prado”. In: MONTEIRO, Eduardo Carvalho (org.). **Anuário Histórico Espírita**. São Paulo: Madras: União da Sociedade Espírita, 2004. pp. 103-128.

_____. **Anna Prado**. A mulher que falava com os mortos. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2012.

MONTERO, Paula. “Religiões e dilemas da sociedade brasileira”. In: MICELI, Sergio (org.). **O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré/ ANPOCS; Brasília: Capes. 1999. Volume 1.

MONTES, Maria Lucia. **As figuras do Sagrado**. Entre o público e o privado na religiosidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

PEREIRA, Alexandre. “O espiritismo no Brasil e o Censo”. In: BINGEMER, Maria Clara



Lucchetti; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro (org.). **O Censo e as Religiões no Brasil**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Reflexão, 2014. pp. 181-190.

PIERUCCI, Antonio Flávio. “As religiões no Brasil”. In: GAARDER; HELLERN & NOTAKER. 2000, op. cit. pp. 300-323.

_____. “Religiões no Brasil”. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Cidadania, um projeto em construção**. Minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012. pp. 60-69.

_____; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. Religião, sociedade e política. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Os mortos e os vivos**. Uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins**. Memória dos acontecimentos históricos. Manaus; Editora Valer: Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SILVA FILHO, Luiz Carlos Souza da; SILVEIRA, Diego Omar. **Construção do pluralismo no campo religioso do município de Parintins, no Amazonas**. Relatório de Pesquisa (PAIC/FAPEAM). Parintins: UEA/FAPEAM, 2015.

SOUTO MAIOR, Marcel. **Kardec**. A biografia. 4º ed. São Paulo: Record, 2013.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação**. Tese (doutorado em Geografia). São Paulo: USP, 2013.

SOUZA, Tadeu de. **Missão Vila Nova**. Parintins (dos jesuítas aos missionários do PIME). Manaus: João XXIII, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. “Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação”. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: USP, vol. 18, n. 52, 2004. pp. 181-199.

_____. “Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil”. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v. 45, n. 02, 2002. pp. 361-402.

Recebido em 13 de outubro de 2017

Aprovado em 22 de dezembro de 2017